



“Drogas: Não basta dizer não, tem que educar!”

Psic. Guilherme Machado Borges

Editoria

Annie Wielewicksi

Carina Paula Costelini

contato@institutoinnove.com.br

Observa-se que as crianças e jovens brasileiros têm tido contato cada vez mais cedo com drogas, sendo elas lícitas ou ilícitas. É o que apontam os resultados do Primeiro Levantamento Nacional Sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas, realizado entre universitários das 27 capitais brasileiras, em que 49% destes já experimentaram uma droga ilícita ao menos uma vez e 80% dos menores de 18 anos já consumiram bebida alcoólica. (SENAD/USP 2010).

Como tentativa de reduzir esses índices alarmantes, alguns programas educativos sobre drogas são desenvolvidos nas escolas, a exemplo do PRO-ERD (Programa Educacional de Resistência a Drogas e a Violência) que busca “Promover a prevenção o uso de drogas para crianças e adolescentes com qualidade e inovação, satisfazendo as famílias, comunidade escolar e sociedade”, através de uma linguagem acessível às faixas etárias acessadas. A iniciativa é louvável e tem sido bem recebida pelas escolas, pais e alunos.

No entanto, pergunta-se: será que essas estratégias têm sido suficientes pa-

ra mudar os comportamentos de crianças e jovens em relação ao uso de drogas? O que falta ser feito? Acredita-se na extrema importância de aumentar o alcance de trabalhos preventivos nas escolas. Para isso, sugere-se a inserção da temática do uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas nos conteúdos programáticos de disciplinas como biologia, sociologia, entre outras, com o objetivo de que os alunos aprendam o que são drogas, os fatores psicossociais envolvidos e as consequências do uso, com ênfase nos malefícios trazidos em médio e longo prazo. Outra ideia válida é a inserção de uma disciplina específica para a discussão da temática das drogas.

E por que inserir esses ensinamentos na escola? Pois é nesse ambiente - palco de diversas interações - que as crianças e adolescentes passam a maior parte do seu tempo. Avaliando a necessidade de amparo a esses jovens, porque não preparar a todos? Sabe-se que algumas das principais escolas particulares de

São Paulo e do Rio de Janeiro já possuem esse tipo de trabalho de prevenção às drogas, mas a dúvida

continua: Até quando só para alguns?

Apesar de defender a inclusão da temática de drogas no espaço escolar, reconhece-se que a responsabilidade não é exclusiva da escola. São os pais os principais responsáveis por atuarem no desenvolvimento de comportamentos sadios e na prevenção de comportamentos prejudiciais, como o uso de drogas. Enquanto não se tem respostas para essas ideias, fica a dica aos pais: Observação e diálogo constantes podem ajudar a manter esses futuros adultos longe das drogas.

“Quando encontrar seus métodos mais efetivos, a educação será quase totalmente dedicada à tarefa de estabelecer e manter uma melhor forma de vida.” (Skinner, 1978, p.148)

DROGAS

LEGAL É PREVENIR!



Parceiros:



Serviço Social do Transporte



Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte



Psicologia Científica

